

# A espada de Dâmocles

20 SET 1994

*Eleição Presidencial*

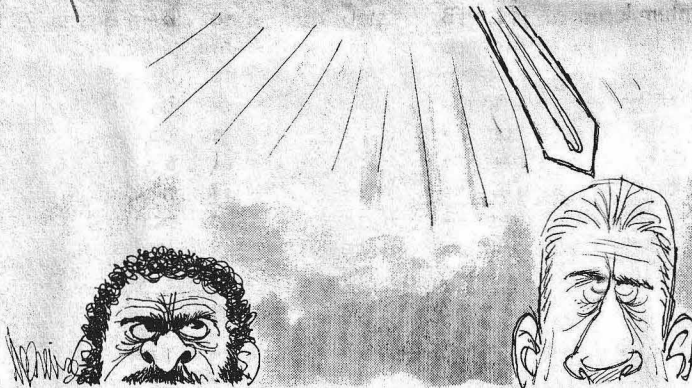
JOSÉ NÊUMANNE

Enquanto durou, a greve dos metalúrgicos do ABC funcionou como uma espécie de espada de Dâmocles sobre as cabeças premiadas dos dois candidatos favoritos na disputa presidencial de outubro e novembro, Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Terminada a das montadoras e mantida a das autopeças, o prejuízo parece ser maior para o segundo. Afinal, a paralisação serviu para o governo e seu candidato, Fernando Henrique Cardoso, provarem ao eleitor comum que o adversário é radical e sua posição é ostensivamente contra o Plano Real, ainda nas graças da grande maioria da população brasileira.

O prejuízo é tão evidente que alguns analistas, como o âncora do "Telejornal Brasil" do SBT, Boris Casoy, já contam com a possibilidade de ter o PT caído numa armadilha montada pelas autoridades federais e pelos estrategistas tucanos. O argumento se apóia num fato: realmente empresários e trabalhadores já tinham chegado a um acordo, o pagamento de um abono de 35 horas, equivalente ao reajuste de 12% pedido pelos dirigentes sindicais. Mas o governo impediu que o acordo fosse realizado, pois o ministro da Fazenda, Ciro Gomes, preferiu evitar problemas ao Plano Real a ser coerente com a defesa da livre negociação entre as partes nos conflitos trabalhistas.

O ex-governador do Ceará tem aparecido, pessoalmente, nos noticiários de rádio e televisão argumentando que os



OS COMANDANTES DA CAMPANHA  
DE LULA SE DEIXAM DOMINAR  
PELO PÂNICO, ANTE A IMINÊNCIA  
DA VITÓRIA DE FHC NO PRIMEIRO TURNO.

metalúrgicos do ABC não sofreram nenhum problema na passagem da URV para o real, pois o acordo da câmara setorial, honrado pelas partes, lhes garantiu aumentos reais de 5% por semestre, 21% ao todo, ao longo da duração do acordo. E seu correligionário Fernando Henrique Cardoso não perdeu a oportunidade de dizer que o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, demonstrou mais paixão pela candidatura de Lula do que por seus liderados. A frase significa uma denúncia de manipulação política de movimentos reivindicatórios apenas na aparência.

Se é verdade que o governo impediu o acordo previamente acertado entre as partes, também não se pode deixar de considerar o fato de que as lideranças sindicais do ABC, Vicente Paulo da Silva em particular, poderiam ter evitado a greve. E, se não evitarem, é por acre-

ditarem que o movimento pudesse ajudar, de alguma forma, seu candidato.

O problema todo é que, da mesma forma como esbanjavam euforia no começo do ano, interpretando, de forma otimista, os dados das pesquisas de opinião pública, os comandantes da campanha de Lula se deixam agora dominar pelo pânico, ante a iminência da vitória de Fernando Henrique, já no primeiro turno. Tal perspectiva leva-os a seguir o raciocínio comum nas peladas de várzea: "perdido por um, perdido por mil".

Isso significa o seguinte: o PT já considera a eleição perdida mesmo e, portanto, os prejuízos que a greve poderia acrescentar à candidatura de Lula seriam, de qualquer forma, pouco significativos. A paralisação dos metalúrgicos, ao contrário, poderia provocar um impacto qualquer no quadro eleitoral. De repente, há

um conflito de rua e a polícia age com mais rigor. O PT teria, então, a possibilidade de deixar claro para a sociedade o que sempre tentou transmitir: o governo e o seu candidato são truculentos e Lula e seu partido, apenas vítimas de tal truculência.

Além disso, a reação inflexível do governo não deixa dúvidas quanto à importância do arrocho salarial para a sobrevivência do Plano Real. Qualquer conquista, então, poderia, de alguma forma, trincar o solidíssimo apoio da sociedade ao projeto de estabilização da economia. Por isso, a greve do ABC, uma espada de Dâmocles, capaz de separar definitivamente a cabeça barbuada da candidatura de Lula do corpo do poder, não deixava de estar suspensa também sobre o pescoço implume de seu adversário tucano.

Por enquanto, o efeito perceptível é o aumento da rejeição a Lula e seu distanciamento ainda maior do primeiro colocado. O índice de rejeição do petista, segundo o Ibope, chegou a 42%, cinco pontos percentuais acima da média atingida por Paulo Maluf no período no qual perdeu seis eleições seguidas. Ou seja, por enquanto, apenas cresce a possibilidade de o Brasil conhecer o próximo presidente já em 3 de outubro, no primeiro turno da eleição.

## O AUTOR

José Nêumanne,  
jornalista e  
escritor, é  
autor de  
Veneno na Veia.



JORNAL DA TARDE